
Fake News, WhatsApp e a vacinação contra febre amarela no Brasil.

http://146.164.63.47/alexandria_wp/artigos/

Publicado em 18 de outubro de 2020.

Este artigo aborda aspectos sobre a relação da propagação das *Fake News* com a adesão à vacinação, em especial contra a febre amarela, sobretudo analisando como determinados usuários do Sistema Único de Saúde consomem e fazem circular informações sobre vacinação, e se confiam ou não nelas. Concluiu-se que as redes de comunicação on-line se misturam com outros processos de socialização existentes, especialmente com as crenças religiosas, o que sugere que a confiança nas informações circulantes é mais da ordem da convicção do que da persuasão.

Fake News, WhatsApp e a vacinação contra febre amarela no Brasil. Igor Sacramento e Raquel Paiva, 2020. *MATRIZES*, v.14, n. 1, jan./abr. 2020.

Resenha:

Em 2016, o Brasil viveu a ameaça de um surto de febre amarela silvestre, com um aumento progressivo no número de casos. A partir de abril de 2017, seguindo a recomendação da Organização Mundial da Saúde (OMS), o Ministério da Saúde passou a adotar a dose única, com proteção vitalícia. Até então, no Brasil, tomava-se uma dose com tempo de proteção de até dez anos. Desde 2014, já era de entendimento da OMS que vacina deveria ser tomada em dose única e não haveria necessidade de reforço. Depois dessa mudança, diante do aumento do surto e temendo a falta de vacinas, o governo brasileiro decidiu pelo fracionamento da dose da vacina em janeiro de 2018. Tratava-se da primeira vez que o Ministério da Saúde tomava a decisão pelo fracionamento. A nova dose, fracionada, não duraria mais de oito anos. A justificativa oficial para tal ação era a falta de vacinas para o enfrentamento ao surto da doença no verão de 2017/2018. Todas essas mudanças na dosagem geraram uma enorme circulação de boatos acerca da eficácia da vacina, da capacidade do governo de proteger a população e, inclusive, da necessidade de se vacinar.

Em janeiro de 2019, a OMS divulgou o 13th General Programme of Work, que destaca os dez principais desafios à saúde para o período, dentre eles, o décimo ponto é a hesitação vacinal. A resistência pode ser explicada, segundo um grupo consultivo de vacinas para a OMS, pela 'complacência', a 'inconveniência' no acesso às vacinas e a falta de confiança. A preocupação é tanta que a OMS pressionou para que o Facebook controlasse mais a difusão de informação de *Fake News* (notícias falsas) sobre a vacina. De acordo com a *Gazeta do Povo*, em 8 de março de 2019, a empresa alterou seu algoritmo de modo a "dar às pessoas

informações mais precisas de organizações especialistas em vacinas no topo dos resultados de buscas relacionadas, em páginas que discutam o tema, e em convites para participar de grupos sobre o “assunto”. A empresa justificou a nova política baseada em autoridades do setor, como a OMS, terem identificado boatos sobre imunizantes.

Nesse sentido, uma matéria publicada pelo G1 evidencia a propagação de *Fake News* a respeito dos imunizantes. Em entrevista publicada em maio de 2018, a epidemiologista franco-americana Laurence Cibrelus, chefe da estratégia de combate à doença dentro da OMS, afirmou: “Foi uma situação muito complicada no Brasil. Houve muita desinformação e comunicação falsa, o que foi intensificado pela discussão sobre a dose integral ou fracionada”. Ainda segundo ela, outro problema é que a maior parte da desinformação aconteceu por conta das redes sociais on-line. Foi por meio delas que a maior parte das *Fake News* circularam, as quais teriam se espalhado rápido demais, “com desinformação, de que a vacina inteira é perigosa e que as doses fracionadas são fracas” (Costa, 2018).

Pode-se concluir então que as *Fake News* criaram uma nova luta contra a informação verídica, pois grande parte da população diariamente se informa por meios de blogs e notícias em sites pouco conhecidos. O WhatsApp chega neste capítulo como um dos maiores veículos de notícias hoje em dia, trazendo informações habituais ao leitor. No entanto, o intuito final das *Fake News* por ele propagadas é apenas desinformar sobre a realidade, uma vez que aparenta confirmar a veracidade dos fatos.

A pesquisa chegou à conclusão de que a dispersão das *Fake News* não atinge somente países subdesenvolvidos como o Brasil. Nos Estados Unidos as *Fake News* também tomaram proporções catastróficas, como por exemplo: a não vacinação.

Infere-se, portanto, que a conjuntura das notícias falsas, como o exemplo citado acima, deve-se à negação às bases de estudos científicos e à falta de acesso a informação pelas populações carentes. E acima de tudo à chamada “manutenção da chama de sua convicção” (Seixas, 2019), ou seja, informações passadas por meio de textos que são de pensamentos iguais ao do leitor. Assim sendo, as informações são passadas adiante e ocasionam a dispersão exponencial de *Fake News*.

Você pode ler o artigo "Fake News, WhatsApp e a vacinação contra febre amarela no Brasil" em:

<http://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/160081/160682>

Referências Bibliográficas:

Sacramento, I. e Paiva, R. Fake News, WhatsApp e a vacinação contra febre amarela no Brasil. *MATRIZES*, v.14, n. 1, jan./abr. 2020.

Costa, M. T. Fake news tiveram influência na vacinação contra a febre amarela no Brasil, diz chefe da OMS. G1, 2018, 22 de maio. Recuperado de <https://glo.bo/31MjBHG>.

Seixas, R. A retórica da pós-verdade: O problema das convicções. EID&A: Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação, 2019 (18), 122-138.

Por Wladimir Silva de Bulhões Carvalho
Graduando do curso de Nutrição da UFRJ

e

Vitor Carvalho Xavier
Graduando do curso de Educação Física da UFRJ